



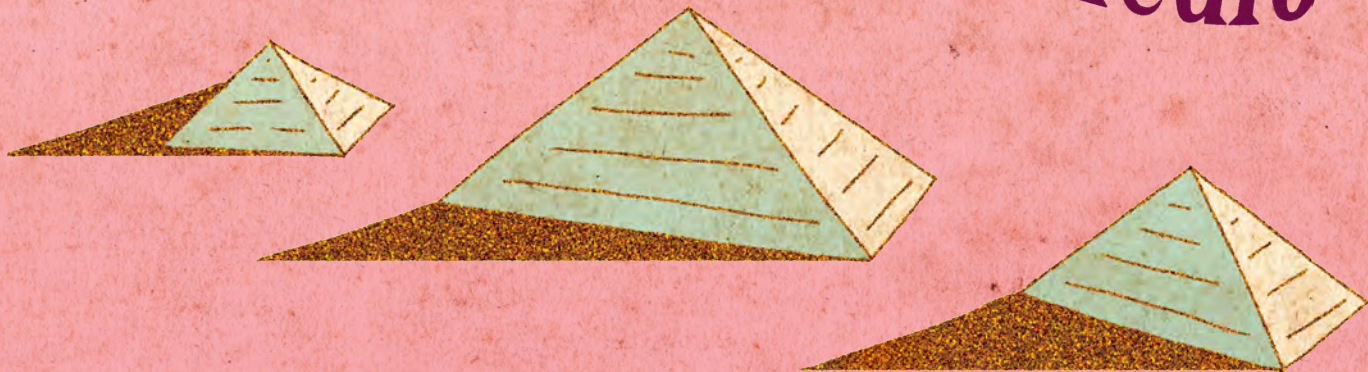
Contos
Maravilhosos
Oriente Médio

Tradução/Adaptação: Maria Carolina Gonçalves

Ilustração: Melissa Lagôa



Contos
Maravilhosos
Oriente Médio



Tradução/Adaptação: **Maria Carolina Gonçalves**

Ilustração: **Melissa Lagôa**



SUMÁRIO

- 3 **PREFÁCIO**
- 5 **O MARINHEIRO NÁUFRAGO**
- 10 **O CAMPONÊS E O OPERÁRIO**
- 15 **AS AVENTURAS DE SINUÉ**
- 21 **SETNA E O LIVRO MÁGICO**
- 27 **A TOMADA DE JOPA**
- 31 **O DESTINO DO PRÍNCIPE**

PREFÁCIO

O livro que você tem em mãos contém histórias do Egito Antigo, de um tempo em que reinavam os faraós, há milhares de anos, quando foram construídas as famosas pirâmides e várias outras obras grandiosas, muitas das quais podem ser vistas e visitadas até hoje.

As histórias deste livro foram escritas originalmente em papiro, que foi o principal material usado para escrita naquela região por muitos séculos, bem antes de termos o tipo de livro que nós conhecemos hoje e encontramos nas bibliotecas e nas livrarias, feito de papel e com páginas numeradas. E definitivamente, ninguém imaginava, naquela época, que um dia teríamos livros digitais!

Você sabia que o papiro também é o nome de uma planta? Isso mesmo, era a partir do caule dessa planta, muito cultivada na região do delta do rio Nilo, no Egito, que eram feitas as folhas de papiro. O caule era cortado em tiras bem finas, que eram molhadas, sobrepostas e prensadas para fazer folhas, que poderiam ser unidas para formar rolos inteiros de papiro. Quando secavam e ficavam prontos, os papiros podiam ser usados para escrever histórias, decretos, documentos e outros textos.

A profissão do escriba era importante naquela época: era ele o responsável por escrever os diversos textos nesse tipo de folha tão especial que era o papiro. Já parou para pensar sobre como era escrever uma história longa naquele tempo, palavra a palavra, na folha de papiro?

Como são muito antigos, vários papiros egípcios foram perdidos com o passar dos séculos. E alguns dos papiros que foram preservados até os nossos dias têm partes faltando, pedaços que se perderam por diversos motivos, deixando lacunas nas histórias. Nesses casos, podemos usar a criatividade para imaginar o que aconteceu e os detalhes que faltam para completar a história.

Este livro inclui seis histórias com diversos temas: "O marinheiro náufrago", "O camponês e o operário", "As aventuras de Sinué", "Setna e o livro mágico", "A tomada de Jopa" e "O destino do príncipe".

São histórias fantásticas, nas quais tudo pode acontecer: coincidências inexplicáveis, animais que falam, tesouros secretos que são guardados por criaturas assombrosas, lugares que aparecem e desaparecem; é possível prever o futuro, objetos inanimados têm poderes mágicos e simples palavras são suficientes para realizar feitos extraordinários.

Os nomes de faraós – como Ramessés, o Grande – e de deuses egípcios – Rá, Hator, Hórus, Ptá, Tote – que aparecem nas histórias, além do nome de um mês que não existe no nosso calendário, nos mostram que estamos falando de um tempo e uma cultura bem diferentes da nossa realidade atual.

Era um costume daquela época embalsamar os faraós e outras pessoas importantes, como vemos em algumas histórias do livro. Essa técnica, que tinha

o objetivo de preservar o corpo da pessoa depois da morte, foi muito usada no Egito Antigo. Quanto às roupas, era muito comum o linho, que é um tipo de tecido e também o nome da planta a partir da qual ele é produzido.

Não é só no tempo que estamos distantes das narrativas deste livro, mas também na geografia: a imagem do deserto em algumas histórias deixa claro que esse lugar está muito longe de nós. Todas as histórias se passam na região do atual Egito, e algumas personagens circulam também pelos países vizinhos, como a Líbia, e por outros locais que fazem parte do que hoje chamamos de Oriente Médio. Vale lembrar que a maior parte dessas terras é formada por desertos, bem diferente do que observamos no Brasil.

As histórias do livro nos possibilitam fazer uma verdadeira viagem pelo Egito. Na longa jornada de Sinué, ele passa pelo Cairo, a capital egípcia, e por vários outros lugares. Numa carta, ele menciona o delta do rio Nilo e a ilha de Elefantina, a qual fica no mesmo rio, porém ao sul, na cidade de Assuã. A história de Setna se passa entre Mênfis, uma cidade do Egito Antigo, e Copto ou Coptos, uma cidade

egípcia que existe até hoje e também fica no sul do país.

O que não falta nas histórias são aventuras. Em "O marinheiro náufrago", um homem enfrenta os perigos do mar e desvenda os segredos que uma ilha misteriosa esconde. "As aventuras de Sinué" traz viagens e uma série de descobertas e aprendizados, passando por lugares e povos diferentes que ele vai conhecendo em seu caminho.

Em "O camponês e o operário", as palavras, a sabedoria e a persistência são necessárias para superar as dificuldades e injustiças. Já em "A tomada de Jopa", é preciso também ter uma boa estratégia para conseguir vencer o inimigo.

"Setna e o livro mágico" e "O destino do príncipe" são histórias repletas de mistérios, segredos, desafios e perigos nas quais uma decisão pode mudar tudo e transformar as vidas dessas pessoas para sempre. Como nas outras histórias do livro, coisas inacreditáveis podem acontecer a qualquer momento.

Prepare-se para fazer uma viagem no tempo e voltar para os dias dos faraós!

Maria Carolina Gonçalves



O MARINHEIRO NÁUFRAGO

O sábio marinheiro disse:

— Ó meu senhor, que o seu coração se alegre, porque nós voltamos para o nosso país. Depois de muito tempo a bordo, o navio finalmente chegou à terra firme. Estão todos felizes e se abraçando. Além disso, voltamos com saúde, e estão todos aqui, não falta ninguém. Apesar de termos ido para os lugares mais distantes do Egito, retornamos para a nossa terra em paz. Agora a única coisa que resta a fazer é contar a história para Sua Majestade.

— As palavras podem ser a salvação de um homem, mas também podem cobrir seu rosto de vergonha, então tenha cuidado. Vamos lá, diga a que veio — respondeu o senhor.

Em seguida, o marinheiro narrou sua história:

“Agora eu vou contar o que aconteceu comigo, o que eu vi com os meus próprios olhos. Eu estava indo para as minas do faraó pelo mar, num navio de setenta e cinco metros de comprimento e vinte metros de largura, com cento e cinquenta dos melhores marinheiros do Egito, que viram o Céu e a Terra e tinham corações mais fortes que leões. Eles disseram que o vento estaria bom, talvez nem houvesse vento, mas, conforme nós nos aproximamos da terra, começou a soprar mais forte, fazendo ondas de quatro metros de altura. Eu consegui segurar um pedaço de madeira, mas os que ficaram dentro do navio morreram. Não sobrou nenhum. Foi então que uma onda me lançou numa ilha. Fiquei lá sozinho durante três dias, sem

nenhuma companhia. Fui me deitar na mata fechada, e a sombra me cobriu. Depois, estendi as mãos para tentar encontrar alguma coisa para comer e achei figos e uvas, as melhores plantas, frutas vermelhas e grãos, melões de todos os tipos, peixes e aves. Não faltava nada! Fiquei satisfeito. Por isso, cavei um buraco, acendi uma fogueira e agradei aos deuses.

De repente, ouvi um barulho que parecia um trovão. A princípio, pensei que fosse uma onda do mar. As árvores balançaram e a terra tremeu. Quando eu abri os olhos, vi uma serpente perto de mim. Ela tinha quinze metros de comprimento e uma barba de mais de um metro; ela era azul como a cor do lápis-lazúli verdadeiro, e seu corpo era revestido de ouro. Eu me inclinei em sinal de respeito, e ela abriu a boca e disse:

— O que o trouxe para cá?

O que o trouxe para cá, pequenino?

O que o trouxe para cá?

Diga logo o que o trouxe para esta ilha, ou farei você conhecer a si mesmo.

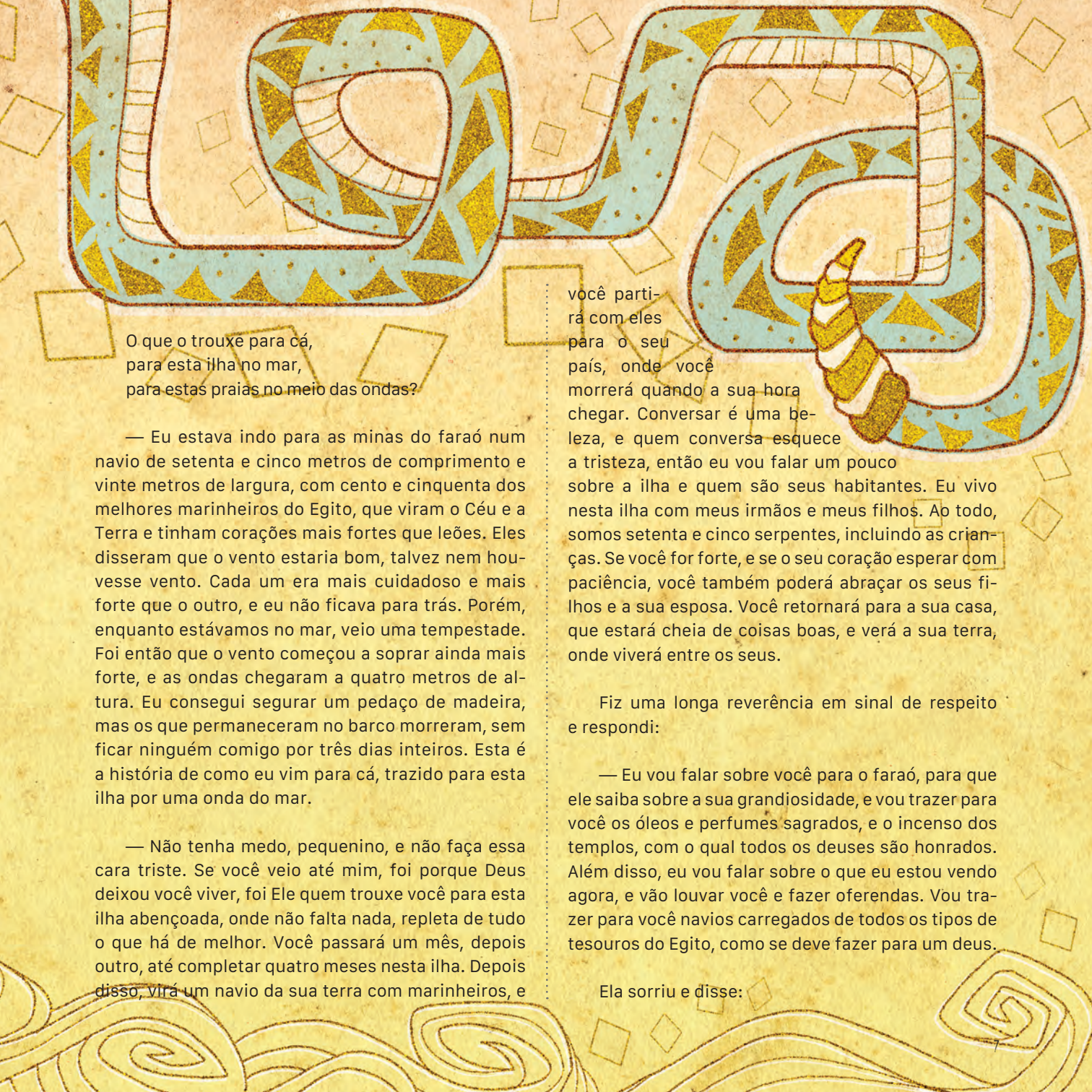
Como uma chama você desaparecerá se não disser algo que nunca ouvi ou que eu não sabia até você falar.

Em seguida, ela me carregou em sua boca até seu lugar de descanso e me colocou no chão sem um arranhão sequer. Eu estava são e salvo, e nada tinha sido tirado de mim. Ela repetiu a pergunta:

— O que o trouxe para cá?

O que o trouxe para cá, pequenino?





O que o trouxe para cá,
para esta ilha no mar,
para estas praias no meio das ondas?

— Eu estava indo para as minas do faraó num navio de setenta e cinco metros de comprimento e vinte metros de largura, com cento e cinquenta dos melhores marinheiros do Egito, que viram o Céu e a Terra e tinham corações mais fortes que leões. Eles disseram que o vento estaria bom, talvez nem houvesse vento. Cada um era mais cuidadoso e mais forte que o outro, e eu não ficava para trás. Porém, enquanto estávamos no mar, veio uma tempestade. Foi então que o vento começou a soprar ainda mais forte, e as ondas chegaram a quatro metros de altura. Eu consegui segurar um pedaço de madeira, mas os que permaneceram no barco morreram, sem ficar ninguém comigo por três dias inteiros. Esta é a história de como eu vim para cá, trazido para esta ilha por uma onda do mar.

— Não tenha medo, pequenino, e não faça essa cara triste. Se você veio até mim, foi porque Deus deixou você viver, foi Ele quem trouxe você para esta ilha abençoada, onde não falta nada, repleta de tudo o que há de melhor. Você passará um mês, depois outro, até completar quatro meses nesta ilha. Depois disso, virá um navio da sua terra com marinheiros, e

você partirá com eles para o seu país, onde você morrerá quando a sua hora chegar. Conversar é uma beleza, e quem conversa esquece a tristeza, então eu vou falar um pouco sobre a ilha e quem são seus habitantes. Eu vivo nesta ilha com meus irmãos e meus filhos. Ap todo, somos setenta e cinco serpentes, incluindo as crianças. Se você for forte, e se o seu coração esperar com paciência, você também poderá abraçar os seus filhos e a sua esposa. Você retornará para a sua casa, que estará cheia de coisas boas, e verá a sua terra, onde viverá entre os seus.

Fiz uma longa reverência em sinal de respeito e respondi:

— Eu vou falar sobre você para o faraó, para que ele saiba sobre a sua grandiosidade, e vou trazer para você os óleos e perfumés sagrados, e o incenso dos templos, com o qual todos os deuses são honrados. Além disso, eu vou falar sobre o que eu estou vendo agora, e vão louvar você e fazer oferendas. Vou trazer para você navios carregados de todos os tipos de tesouros do Egito, como se deve fazer para um deus.

Ela sorriu e disse:



— Você não é rico em perfumes, e tudo o que você tem não passa de incenso comum. Quanto a mim, eu reino na ilha de Punte. E eu tenho muitos perfumes. De tudo o que você disse que quer trazer, somente o óleo é incomum por aqui, mas, depois que você partir deste lugar, nunca mais verá esta ilha, pois ela se transformará em ondas do mar mais uma vez.

E quando o navio se aproximou, cumprindo o que ela tinha falado, subi numa árvore bem alta para observar. Depois, desci e fui contar para ela, mas é claro que ela já sabia.

— Adeus, adeus, vá para sua casa, pequenino, vá rever seus filhos, e que o seu nome seja bom na cidade. É o que eu desejo para você — disse ela.

Fiz uma reverência para a serpente, e ela me deu ricos presentes: perfumes, especiarias, vegetais e minerais, uma grande quantidade de incenso, babuínos e macacos, e todos os tipos de coisas preciosas que se pode imaginar. Coloquei tudo no navio e fiz uma última reverência.

— Você chegará ao seu país em dois meses, onde abraçará seus filhos e, um dia, descansará para sempre — afirmou ela.

Antes de ir embora, fiz uma prece para as criaturas que habitavam aquela ilha. Depois disso, fui até a praia e chamei os marinheiros que estavam por lá:

— Quando nós voltarmos e chegarmos à casa do faraó, daqui a dois meses, conforme a serpente falou, vou levar para o faraó os presentes que eu estou carregando desta ilha para o nosso país, e ele vai ficar muito grato.

Depois de ver e viver tudo isso e voltar para a terra firme, ouça o que eu tenho a dizer, pois é bom ouvir. Um dia me falaram: 'Torne-se um homem sábio, e você será honrado'. E foi o que eu me tornei."



O CAMPONÊS E O OPERÁRIO

Num lugar conhecido como “Terra do Sal”, no Egito, vivia um camponês com sua esposa e filhos, seus cachorros e burros. Ele vendia para outras cidades tudo o que havia de melhor naquela região. Lá ia ele com sal, madeira, vagem, pedras, se- mentes e muitos outros produtos, seguindo rumo ao sul, até que encontrou um operário. Quando o ope- rário viu os burros do camponês, pensou: “Ah, se os deuses me permitissem ficar com as coisas dele!”.

Foi então que o operário teve uma ideia: pediu que um de seus serviçais trouxesse um xale, que ele colocou no estreito caminho, na beira do dique que havia perto de sua casa. Quando o camponês se aproximou, o operário disse a ele:

— Cuidado! Não vá pisar nas minhas roupas!

— Vou passar devagar, pode deixar – respondeu o camponês, seguindo pelo lado oposto.

— Você vai pelo meu milharal, em vez de ir pelo caminho? – gritou o operário.

— Eu estou indo com cuidado, mas eu não tenho escolha, porque você bloqueou o caminho com as suas roupas. E agora eu não posso passar pelo outro lado?

Nesse momento, um dos burros do camponês encheu a boca com uma porção de milho. O operário exclamou:

— Olha só, agora eu vou precisar ficar com o seu burro, porque ele comeu o meu milho!

— Mas o único caminho que existe está interdito, foi por isso que eu vim por aqui com o meu burro, e agora você quer ficar com ele só porque ele comeu um pouquinho de milho? Além disso, eu sei muito bem que essa terra pertence ao Senhor Comissário, e todo mundo sabe que ele castiga os ladrões. Será possível que eu vou ser roubado na terra dele?

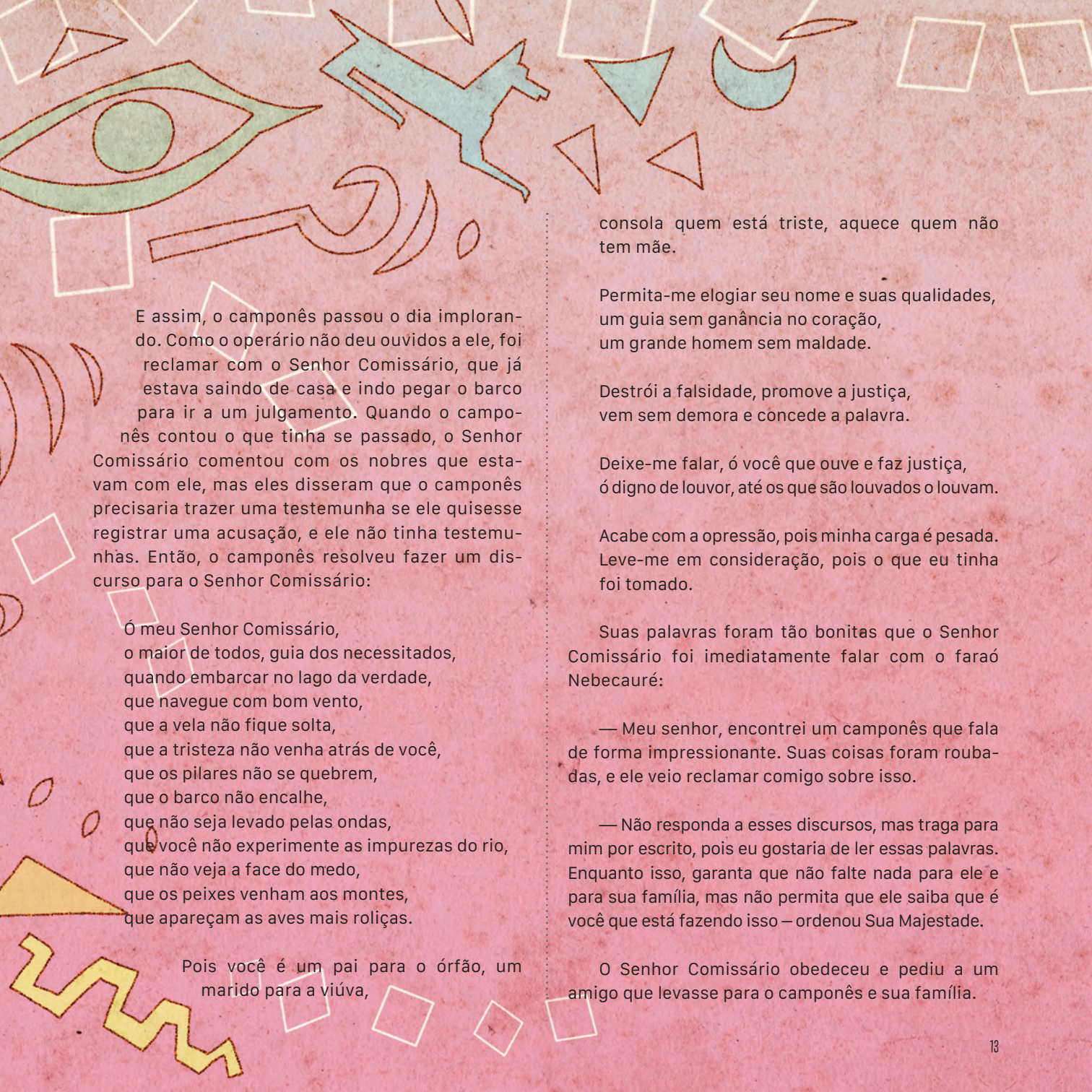
Então, o operário golpeou o camponês com galhos e levou os burros dele. O camponês se pôs a chorar, mas o operário o interrompeu:

— Não levante a voz, senão você vai receber o castigo do silêncio.

— Você me bate, rouba as mi- nhas coisas, e agora quer levar até a minha voz? Eu só vou ficar quieto se você devolver as minhas coisas.







E assim, o camponês passou o dia implorando. Como o operário não deu ouvidos a ele, foi reclamar com o Senhor Comissário, que já estava saindo de casa e indo pegar o barco para ir a um julgamento. Quando o camponês contou o que tinha se passado, o Senhor Comissário comentou com os nobres que estavam com ele, mas eles disseram que o camponês precisaria trazer uma testemunha se ele quisesse registrar uma acusação, e ele não tinha testemunhas. Então, o camponês resolveu fazer um discurso para o Senhor Comissário:

Ó meu Senhor Comissário,
o maior de todos, guia dos necessitados,
quando embarcar no lago da verdade,
que navegue com bom vento,
que a vela não fique solta,
que a tristeza não venha atrás de você,
que os pilares não se quebrem,
que o barco não encalhe,
que não seja levado pelas ondas,
que você não experimente as impurezas do rio,
que não veja a face do medo,
que os peixes venham aos montes,
que apareçam as aves mais roliças.

Pois você é um pai para o órfão, um
marido para a viúva,

consola quem está triste, aquece quem não
tem mãe.

Permita-me elogiar seu nome e suas qualidades,
um guia sem ganância no coração,
um grande homem sem maldade.

Destrói a falsidade, promove a justiça,
vem sem demora e concede a palavra.

Deixe-me falar, ó você que ouve e faz justiça,
ó digno de louvor, até os que são louvados o louvam.

Acabe com a opressão, pois minha carga é pesada.
Leve-me em consideração, pois o que eu tinha
foi tomado.

Suas palavras foram tão bonitas que o Senhor
Comissário foi imediatamente falar com o faraó
Nebecauré:

— Meu senhor, encontrei um camponês que fala
de forma impressionante. Suas coisas foram rouba-
das, e ele veio reclamar comigo sobre isso.

— Não responda a esses discursos, mas traga para
mim por escrito, pois eu gostaria de ler essas palavras.
Enquanto isso, garanta que não falte nada para ele e
para sua família, mas não permita que ele saiba que é
você que está fazendo isso — ordenou Sua Majestade.

O Senhor Comissário obedeceu e pediu a um
amigo que levasse para o camponês e sua família.

Como o caso do roubo ainda não tinha sido resolvido, o camponês foi pela segunda vez até o Senhor Comissário, e pela terceira, mas ele não atendeu e ainda por cima mandou que ele fosse castigado. Ainda assim, o camponês insistiu e voltou pela quarta, quinta, até a sexta vez, quando fez o seguinte discurso:

Meu Senhor Comissário,
que destrói a falsidade e promove a justiça,
eleva todas as coisas boas e esmaga todo o mal,
como a fartura acaba com a fome,
como a roupa cobre a nudez,
como o céu azul depois da tempestade esquenta quem tem frio,
como o fogo cozinha o alimento cru,
como a água sacia a sede,
olhe para a minha propriedade sem cobiça e me ajude sem falta; faça o que é certo, e não faça o mal.

Mesmo assim, o Senhor Comissário se recusou a ouvir sua reclamação, e o camponês foi mais

uma vez, e de novo, até a nona vez. Então, o Senhor Comissário pediu que dois de seus homens fossem até o camponês, que ficou com muito medo de ser castigado novamente, mas o Comissário disse a ele:

— Não tenha medo! Você fez muitos discursos, e o faraó ficou muito satisfeito com as suas palavras. E eu juro – pelo pão que eu como e pela água que eu bebo – que você será lembrado para sempre. Além disso, a partir de agora, todas as suas reclamações serão ouvidas.


E cada pedido do camponês foi escrito do começo ao fim num rolo de papiro, que o Senhor Comissário enviou para o faraó, mas este deixou o caso nas mãos do Comissário.

Então, o Senhor Comissário ordenou que tudo o que pertencia ao operário fosse dado para o camponês, e o camponês passou a ser amado e a desfrutar de todas as coisas boas na casa do faraó.





AS AVENTURAS DE SINUÉ



Sinué, membro da nobreza, príncipe herdeiro, amigo de confidências, juiz, guardião do portão dos estrangeiros, verdadeiro e amado no palácio, conta a seguinte história:

“No trigésimo ano, no sétimo dia do mês de , que era o segundo mês do antigo calendário egípcio, o faraó Amenemés I subiu para o céu e se uniu ao disco solar; o seguidor do deus foi encontrar seu criador. O palácio ficou em silêncio, os portões foram fechados e as pessoas ficaram em luto.

Antes de morrer, Sua Majestade tinha enviado um grande exército para a Líbia, liderado por seu filho, que estava voltando cheio de coisas quando viu o mensageiro, que disse apenas: “o falcão voou para longe”. Ele falou assim para que ninguém mais entendesse, mas eu estava por perto, ouvi e entendi que o faraó tinha morrido. Corri para longe, com o coração acelerado e o corpo inteiro tremendo. Eu me escondi entre dois arbustos e esperei que eles terminassem de passar. Então, caminhei em direção ao sul, porque eu não queria mais voltar ao palácio. Descansei no campo aberto e, pela manhã, continuei a caminhada. À noite, cheguei ao Cairo e atravessei o rio com uma jangada sem leme, e o vento me levou para o leste. Depois disso, continuei a pé, andando à noite e me escondendo durante o dia, com medo de ser descoberto. Comecei a sentir muita sede e achei que o fim estava próximo. Foi então que um amigo do Egito me reconheceu e me deu água e leite, e me levou para o lugar onde ele estava acampado. Eles me trataram bem, e eu continuei morando naquela

região, mudando de uma tribo para outra, até chegar à terra de Edom..

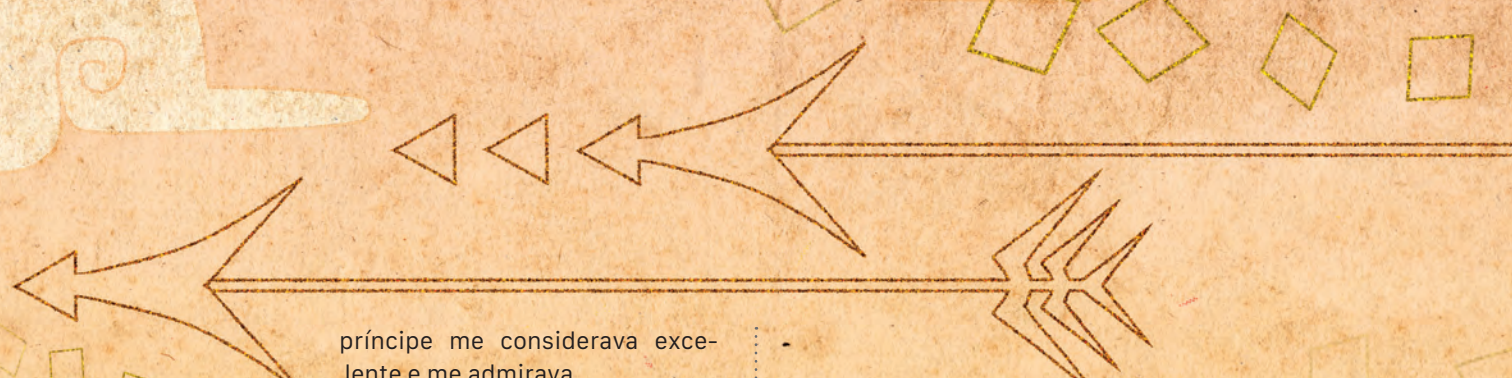
Seis meses depois, o príncipe de Tenu mandou me chamar para morar no palácio dele, porque outros egípcios que viviam por lá tinham falado para ele sobre a minha excelência. Ele me perguntou:

— Como você veio parar aqui? Aconteceu alguma coisa no palácio?

— Eu fugi. Não por remorso, porque eu nunca fiz nada errado e sempre tive um comportamento exemplar. Na verdade, não sei por que vim parar aqui — respondi.

— Mesmo estando longe da sua terra, enquanto estiver comigo, serei bom para você — disse o príncipe.

Assim, decidi ficar lá e, um tempo depois, eu me casei com sua filha mais velha. Ele me deu as melhores terras, onde há figos, uvas e tudo quanto é tipo de fruta, mel e azeitonas em grande quantidade, cevada e trigo, e rebanhos a perder de vista. Recebi o título de príncipe de uma tribo na melhor de suas terras. Não me faltavam comida e bebida diariamente, pães e carnes, manteiga e leite. Vivi muitos anos por lá e vi meus filhos crescendo e cada um indo governar sua própria tribo. Eu era generoso e ajudava todas as pessoas. E eu também era muito forte. Por muitos anos, fui general à frente dos soldados daquelas terras e venci todas as batalhas. Por tudo isso, meu



príncipe me considerava excelente e me admirava.

Certo dia, um homem veio me desafiar a lutar com ele. Era um homem de uma força sem igual que tinha derrotado o país inteiro. Preparei meu arco e minhas flechas. De madrugada, todas as tribos de Tenu e os povos vizinhos se reuniram. Não se falava em outra coisa. Homens e mulheres me apoiavam e perguntavam: 'Quem mais poderia lutar com ele?'. O adversário tinha um escudo, um machado de guerra e várias lanças, além do arco e das flechas. Quando a luta começou, desviei as flechas dele, que foram caindo, uma depois da outra. Ele veio para cima de mim, mas eu atirei uma flecha certa, e ele caiu no chão, vencido. Então, eu dei o meu grito de vitória, todos ficaram felizes, e o príncipe veio me abraçar.

Eu ficava cada vez mais rico, mais conhecido, meus tesouros aumentavam e meu gado ficava mais numeroso. Porém, com o passar do tempo, fui sentindo saudades da minha terra. Então, mandei a seguinte carta para o faraó:

Petição para o faraó

Eis o que o deus fez por mim, que confiei nele: depois de me tornar um fugitivo, agora tenho um bom nome. Depois de quase


morrer de fome, agora eu é que dou o pão para os outros. Eu estava nu quando saí da minha terra, mas agora eu visto as melhores roupas. Depois de vagar sozinho, hoje eu tenho muitos servos. Minha casa é boa, minha terra é grande e minha memória está presente no templo de todos os deuses.

Que eu seja perdoado pela minha fuga. Que eu possa voltar ao palácio. Que eu possa ver o lugar ao qual meu coração pertence. Como seria bom se meu corpo fosse embalsamado na terra onde eu nasci! Como eu ficaria feliz se eu voltasse! O coração de quem foi para uma terra estrangeira sofre. Que ele possa rever seu lugar de nascimento, o lugar de onde ele foi tirado.

Se o faraó atender o meu pedido, serei eternamente grato. Meus cumprimentos à senhora do palácio; que eu receba notícias de seus filhos. Assim, voltarei a ser jovem. Agora que a idade chegou para mim, meu corpo está frágil, meus olhos estão pesados, meus braços estão fracos, minhas pernas não querem se mover, meu coração está lento. Logo serei levado para a cidade eterna.







Sua Majestade enviou presentes e a seguinte resposta:

Decreto do faraó para Sinué

O faraó, que reina no norte e no sul do Egito, Sesóstris I, filho de Amenemés I, dita o seguinte a Sinué:

Apesar de você ter andado por terras estrangeiras, de Edom a Tenu, e passado de um país a outro de acordo com a vontade do seu coração, o que há de errado nisso? Você não cometeu nenhum insulto.

Informo que a rainha está em seu esplendor, e seus filhos estão no palácio.

Deixe todas as riquezas que você possui. Quando vier para o Egito, entre no palácio e faça uma reverência. Você será o líder entre os seus companheiros. Você envelhecerá com os dias e, quando chegar a sua hora, receberá todas as honras em seu funeral e todos lamentarão a sua morte. Dessa forma, você não morrerá em uma terra estrangeira.

Eu estava no meio da minha tribo quando essa ordem chegou e foi lida para mim. Fiquei dando voltas de alegria em torno da minha tenda e dizendo: 'Como é possível isso acontecer com um servo rebelde que fugiu para terras estrangeiras? Por sua grande misericórdia, vou terminar meus dias no palácio'.

Resposta de Sinué ao decreto

Ó senhor das duas terras, amado pelos deuses, que lhe sejam dadas a vida, a paz e a eternidade, que todos o temam nas terras do deserto. É o que este humilde servo deseja a seu mestre.

Ó sábio faraó, comparável a Hórus, seus exércitos se estendem por todas as terras. Suas palavras carregam tanta sabedoria que não ousou repeti-las.

Minha fuga foi como um sonho, como um homem do delta do Nilo que, de repente, acorda na ilha de Elephantina; ou um homem da planície do Egito que, um dia, se vê no deserto. Sempre tive um

comportamento exemplar, mas meus pés me levaram a terras estrangeiras.

Este que lhe fala deixará todos os bens para as próximas gerações nesta terra, ó amado de Rá, de Hórus e de Hator, que viva para sempre.

Fiz uma grande festa para dar tudo o que eu tinha para os meus filhos. Meu filho mais velho seria o líder da minha tribo. Depois das despedidas, segui rumo ao sul e fui recebido com barcos carregados de presentes do faraó. No dia seguinte, quatro homens vieram e me guiaram até o palácio. Encontrei Sua Majestade no grande trono no salão dourado, mas ninguém me reconheceu por causa da minha aparência e da forma como eu estava vestido. Então, eu fiquei assustado com essa situação e me calei. O faraó me questionou gentilmente:

— Você viajou muito e cruzou os desertos. Não fique em silêncio. Diga o seu nome. É o medo que o impede?

— Como eu poderia responder à pergunta do meu senhor? Meu corpo se encheu de um medo tão grande que parece a morte. Aqui estou diante de

Vossa Majestade. Você é a vida, que seja feita a sua vontade – respondi.

Nesse momento, o faraó me reconheceu.

— Não tenha medo, pois você será um nobre e fará parte da corte – disse ele, e as crianças reais vieram para cantar uma canção de louvor.

Depois, fui barbeado e penteado, cuidaram muito bem de mim, e eu recebi roupas novas do mais puro linho. Após anos morando no deserto, eu finalmente dormi numa cama de verdade. Parece que eu fiquei muitos anos mais jovem!

Ganhei uma mansão repleta de coisas maravilhosas. Traziam comida do palácio para mim três, quatro vezes por dia, além dos presentes que as crianças reais me davam, presentes sem fim. Construíram para mim uma pirâmide de pedra entre as outras pirâmides, fizeram um jardim na frente da minha casa e me deram campos perto dali. O faraó também mandou fazerem uma estátua banhada a ouro em minha homenagem. E isso não é feito para qualquer um. Serei grato ao faraó até o último dia da minha vida!"





SETNA E O LIVRO MÁGICO

O poderoso faraó Ramessés, o Grande, tinha um filho chamado Setna, que era um ótimo escriba e conhecia muito bem os escritos antigos. Ele ficou sabendo que o livro mágico de Tote, deus da Magia, com o qual uma pessoa poderia encantar o Céu e a Terra e entender a língua de todas as aves e todas as feras, estava enterrado no cemitério de Mênfis, no Egito. Então, ele foi procurar o livro com seu irmão. Quando eles encontraram a tumba de Naneferkaptá, Setna abriu a tumba e entrou.

Setna viu Naneferkaptá e sua esposa Ahura sentados diante de suas oferendas e, entre eles, o livro. Naneferkaptá disse a Setna:

— Quem é você que entra na minha tumba desse jeito?

— Sou Setna, filho do grande Ramessés, e venho por causa desse livro que estou vendo entre vocês.

— O livro não pode ser dado a você — disse Naneferkaptá.

— Então eu vou levar à força — respondeu Setna.

— Não leve esse livro — disse Ahura —, porque ele só trará problemas para você, como trouxe para nós. Ouça o que nós sofremos por causa desse livro.

E ela contou sua história:

“Quando nós nos casamos, nós nos amávamos

e estávamos muito felizes. Tivemos um filho, essa criancinha que está diante de você. Ele recebeu o nome de Merab e foi registrado no livro da ‘Casa da Vida’.

De vez em quando, Naneferkaptá tinha o costume de ir até o cemitério de Mênfis para ler os escritos que estão nas catacumbas dos faraós, nas placas da ‘Casa da Vida’ e nas inscrições dos monumentos. Um dia, um sacerdote viu Naneferkaptá lendo e disse que, se ele queria tanto ler esses escritos, ele diria o local onde estava o livro que Tote tinha escrito com suas próprias mãos, e esse livro o levaria até os deuses. Disse também que, quando ele lesse apenas duas páginas do livro, ele encantaria o Céu e a Terra, o abismo, as montanhas e o mar; ele entenderia o que diziam as aves do céu e as criaturas que rastejam; ele veria os peixes das profundezas, pois um poder divino os traria do fundo para cima; e quando lesse a segunda página, se ele estivesse no mundo dos espíritos, ele teria novamente a forma que ele tinha na Terra, veria o sol brilhando no céu, com todos os deuses, e a lua cheia. Depois de Naneferkaptá prometer dar tudo o que ele quisesse, o sacerdote revelou a localização do livro: no meio do rio, em Coptos, numa caixa de ferro, dentro da qual havia uma caixa de bronze, dentro da qual estava uma caixa de madeira de sicômoro, dentro da qual estava uma caixa de marfim e ébano, dentro da qual havia uma caixa de prata, dentro da qual ficava uma caixa de ouro, dentro da qual, finalmente, estava o livro. Havia escorpiões, cobras e outros seres rastejantes em volta da caixa, além de uma cobra imortal.





Tentei fazer com que Naneferkaptá mudasse de ideia, mas ele estava decidido. Ele falou sobre seu desejo para o faraó, que lhe cedeu o barco real para a viagem, e nós viajamos juntos, com nosso filho, para Coptos, onde ele seguiu até o local do livro num barco mágico com trabalhadores enfeitiçados, enquanto eu fiquei esperando na margem. Quando chegou até a caixa, ele enfeitiçou os escorpiões, as serpentes e as outras criaturas rastejantes em volta dela e lutou com a cobra imortal; ele a matou, mas ela voltou à vida com uma forma diferente. Ele a matou mais uma vez, e ela voltou com uma terceira forma; então, ele a cortou em duas partes, mas, dessa vez, colocou areia no meio para ela não aparecer de novo.


Naneferkaptá seguiu as instruções do sacerdote e abriu a caixa de ferro, e assim sucessivamente com a de bronze, a de madeira de sicômoro, a de marfim e ébano, a de prata e, enfim, a de ouro, onde encontrou o livro. Ele leu uma página de feitiços e encantou o Céu e a Terra, o abismo, as montanhas e o mar; ele entendeu o que diziam as aves do céu, os peixes das profundezas e as feras dos montes. Leu mais uma página de feitiços e viu o sol brilhando no céu, com

todos os deuses, a lua cheia e as estrelas; viu os peixes das profundezas, pois um poder divino os trouxe à superfície. Depois disso, leu o feitiço para os trabalhadores, que o levaram de volta ao lugar onde eu estava esperando esse tempo todo, sem comer nem beber, na margem do rio de Coptos.

Falei para Naneferkaptá que eu também queria ver o livro pelo qual nós tínhamos feito um sacrifício tão grande. Quando li uma página de feitiços, eu também encantei o Céu e a Terra, o abismo, as montanhas e o mar; eu também entendi o que diziam as aves do céu, os peixes das profundezas e as feras dos montes. Li mais uma página e vi o sol brilhando no céu, com todos os deuses, a lua cheia e as estrelas; vi os peixes das profundezas, pois um poder divino os trouxe à superfície. Como eu não sabia escrever, pedi para Naneferkaptá, que escrevia muito bem, e ele escreveu tudo o que estava no livro num pedaço de papiro. Ele colocou o papiro numa bebida para dissolver o que tinha escrito, pois sabia que, se o dissolvesse e bebesse o líquido, ele saberia tudo o que estava nos escritos.

Depois disso, fomos para o porto e navegamos a norte de Coptos. Quando Tote descobriu o que Naneferkaptá tinha feito, apressou-se a contar para Rá, o deus Sol, que disse que Tote não deveria permitir que Naneferkaptá voltasse para Mênfis a salvo com sua família. Pouco tempo depois, o pequeno Merab, saindo debaixo da cobertura do barco real, caiu no rio. Naneferkaptá leu um feitiço para ele, e seu corpo voltou para cima, pois um poder divino o trouxe à superfície. Ele leu outro feitiço para o menino, que contou tudo o que tinha acontecido com ele e o que Tote tinha falado para Rá.





Retornamos para Coptos com o menino, que foi embalsamado e enterrado no cemitério de Coptos como um nobre. Voltamos para o porto e navegamos mais uma vez. Quando chegamos ao lugar onde o pequeno Merab tinha caído na água, eu saí debaixo da cobertura do barco real e caí no rio. Naneferkaptá leu o feitiço para mim, e meu corpo voltou para cima, pois um poder divino me trouxe à superfície. Ele leu o outro feitiço, e eu contei tudo o que tinha acontecido comigo e o que Tote tinha falado para Rá. Ele voltou para Coptos comigo, eu fui embalsamada e enterrada como é feito com os nobres, e me colocaram na mesma tumba onde estava meu filho Merab.

Naneferkaptá voltou para o porto e navegou novamente. Quando chegou ao lugar onde tínhamos caído no rio, perguntou a seu coração: 'Não seria melhor eu voltar para Coptos e me juntar a eles? Se eu for para Mênfis, quando o faraó perguntar sobre a minha família, o que é que eu vou falar para ele?'. Então, pediu um pedaço de linho, com o qual amarrou o livro bem firme a si mesmo, saiu debaixo da cobertura do barco e caiu no rio.

O barco real voltou para Mênfis, e todos ficaram em luto. Quando o faraó entrou no barco, viu que Naneferkaptá estava lá dentro. Ele o levantou e viu o livro com ele. Então, o faraó ordenou que

escondessem aquele livro e que Naneferkaptá fosse enterrado em Mênfis com todas as honras devidas a um nobre.

Agora você já sabe tudo o que nós sofremos por causa desse livro que você está nos pedindo. Por causa dele, perdemos a vida que tínhamos na Terra."

Porém, Setna insistiu:

— Dê o livro para mim agora. Se não der, vou pegar à força.

Então, Naneferkaptá se levantou de seu lugar e disse:

— Você é Setna, o escriba, para quem minha esposa acabou de contar todas essas coisas. Como você pode pegar esse livro? Se você quer jogar comigo, então vamos jogar um jogo de 52 pontos.

— Estou pronto — respondeu Setna.

O tabuleiro e as peças foram colocados na frente dele. Naneferkaptá ganhou o primeiro jogo contra Setna, e o enfeitiçou e o afundou um pouco

na terra até os pés. Ele fez o mesmo no segundo jogo, ganhou de Setna e o afundou na terra até a cintura. E o mesmo no terceiro, e o afundou até as orelhas. Foi então que Setna deu um golpe com a mão em Naneferkaptá e chamou seu irmão:

— Vá depressa lá para cima e conte para o faraó tudo o que aconteceu. Depois, volte e traga para mim o talismã do deus Ptá e os meus livros mágicos.

Seu irmão foi, correndo. Quando ele voltou e colocou o talismã em Setna, este deu um salto imediatamente, esticou as mãos e pegou o livro. Então, saiu da tumba, que se fechou atrás dele como estava antes. Ahura lamentou que Setna tivesse levado o livro, mas Naneferkaptá a consolou:

— Não fique triste. Eu vou fazer Setna trazer esse livro de volta.

Quando Setna contou o que tinha acontecido, o faraó aconselhou:

— Seja um homem prudente e devolva o livro para a tumba de Naneferkaptá, senão ele vai fazer você levar de volta.

Porém, Setna não deu ouvidos ao faraó; pelo contrário, ele começou a ler o livro para todo mundo. Até que um dia, andando pelos arredores do templo de Ptá, ele conheceu a filha de um sacerdote e ficou fascinado por ela. A jovem, então, roubou tudo o que Setna tinha, inclusive seus filhos. Depois, deu um grito terrível e desapareceu.

Ele ficou apavorado e voltou imediatamente para Mênfis, onde encontrou seus filhos, todos bem e no mesmo lugar de sempre. Talvez tivesse sido um

sonho, mas pensou que já era hora de devolver o livro. Contou tudo para o faraó, que respondeu:

— Setna, eu disse que você poderia morrer se não devolvesse esse livro, mas você não quis me ouvir. Agora só resta levar o livro de volta para Naneferkaptá.

Setna saiu e desceu até a tumba mais uma vez. Quando Ahura o viu, ela disse:

— Foi Ptá, o grande deus, que trouxe você de volta são e salvo.

— Eu falei para você que ele voltaria — acrescentou Naneferkaptá.

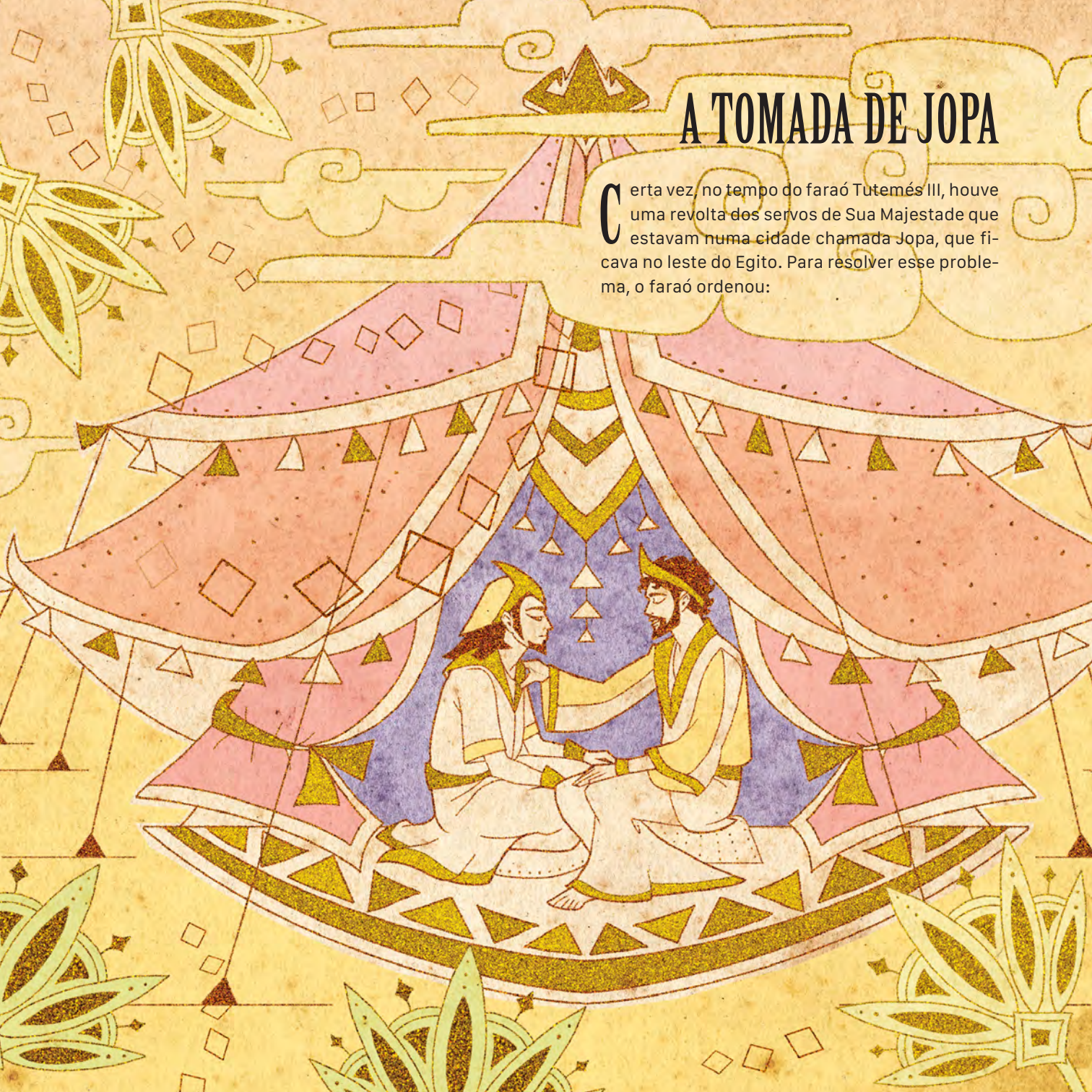
Para compensar pelo que tinha feito, Setna recebeu uma missão: ir até Coptos para buscar os corpos de Ahura e Merab, pois apenas os espíritos da mãe e do filho habitavam aquela tumba; os corpos tinham sido enterrados em Coptos. Então, Setna saiu da tumba e contou o caso ao faraó, que ordenou que ele obedecesse.


Assim, Setna navegou no barco real sem parar até chegar a Coptos. Ele e os sacerdotes de lá cavaram durante três dias e três noites, vasculharam todas as catacumbas do cemitério de Coptos, mas não encontraram nada. Percebendo isso, Naneferkaptá apareceu para Setna na forma de um velhinho e contou para ele onde os dois tinham sido enterrados. Finalmente, encontraram os corpos de Ahura e seu filho Merab, que Setna levou no barco real como nobres, navegando sem parar até chegar a Mênfis.

O faraó ordenou que os corpos de Ahura e Merab fossem levados com todas as honras até as catacumbas onde estava Naneferkaptá, que seria seu lugar de descanso eterno.

A TOMADA DE JOPA

Certa vez, no tempo do faraó Tutemés III, houve uma revolta dos servos de Sua Majestade que estavam numa cidade chamada Jopa, que ficava no leste do Egito. Para resolver esse problema, o faraó ordenou:





— Falem para o general Tahutia ir para lá com seus homens para acabar com essa revolta organizada pelo Inimigo em Jopa. E escondam meu bastão mágico, que faz maravilhas, nas coisas dele. Assim, meu poder estará com ele.

Quando Tahutia chegou perto da cidade de Jopa com todos os homens do faraó, ele ficou pensando numa estratégia para vencer o Inimigo em Jopa e acabar com a revolta.

Depois de muito pensar, a primeira coisa que ele fez foi montar uma tenda enorme, que ele posicionou longe dos soldados. Em seguida, preparou duzentos sacos grandes com cordas e grilhões dentro de cada um deles. Colocou todos os sacos junto com várias cestas, como se essas coisas fossem forragem para os cavalos.

Quando tudo estava pronto, mandou chamarem o Inimigo em Jopa e fingiu que era amigo dele. Quando o Inimigo chegou, Tahutia disse:

— Sua Majestade, o faraó Tutemés III, enviou este grande exército para acabar com a revolta, mas o que

fazer se o meu coração está com você? Venha aqui, vamos conversar um pouquinho, venha.

Tahutia avançou com alguns homens, e o Inimigo em Jopa fez o mesmo, e os dois ficaram durante horas conversando amigavelmente na grande tenda que Tahutia tinha montado. Os homens de Tahutia ficaram conversando com os homens do Inimigo em Jopa, todos muito felizes e tranquilos.

Um tempo depois, os homens de Tahutia foram alimentar os cavalos, e eis que eles encontraram o bastão mágico do faraó. Foram correndo contar para Tahutia o que eles tinham achado. O Inimigo em Jopa, que estava por perto, escutou a conversa. Como ele já tinha ouvido falar sobre as maravilhas que esse objeto místico era capaz de fazer, foi logo dizendo:

— Gostaria muito de ver esse bastão mágico. Juro pela alma do faraó que estará de volta na sua



mão ainda hoje! Agora tenha a bondade de entregar para mim.

Tahutia entendeu a intenção do Inimigo em Jopa, fingiu que ia fazer o que ele tinha pedido e mandou trazerem o bastão mágico. Porém, ele aproveitou a oportunidade e se levantou, dizendo:

— Olhe para mim, ó Inimigo em Jopa, este é o bastão mágico do faraó Tutemês, o grande, o leão terrível, o faraó poderoso e forte.

Nesse instante, ele levantou a mão e acertou a testa do Inimigo em Jopa, que caiu indefeso na frente dele. Então, ele o colocou num saco e amarrou suas mãos e seus pés bem firme. Agora o grande Inimigo estava preso e não representava mais nenhum perigo.

Depois disso, Tahutia mandou trazerem aqueles duzentos sacos que ele tinha preparado, fez entrar neles duzentos de seus soldados e amarrou bem.

Em seguida, chamou os homens mais fortes, seiscentos no total, para carregar esses sacos com os rapazes dentro e disse a eles:

— Quando entrarem na cidade, vocês vão abrir os

sacos, deixar os soldados saírem, e todos vocês juntos vão prender os habitantes da cidade. Não deixem ninguém escapar.

Logo depois, um dos homens de Tahutia procurou o cocheiro do Inimigo em Jopa, que era fiel ao faraó e não tinha se juntado à revolta:

— Seu mestre caiu. Vá e espalhe a seguinte notícia: “Boas novas! Tahutia foi pego. Este é o começo do pagamento dele”.

Assim ele fez, e todo mundo na cidade acreditou que Tahutia tinha sido derrotado e que os duzentos sacos estavam cheios de riquezas que ele tinha sido obrigado a entregar depois de ser pego.

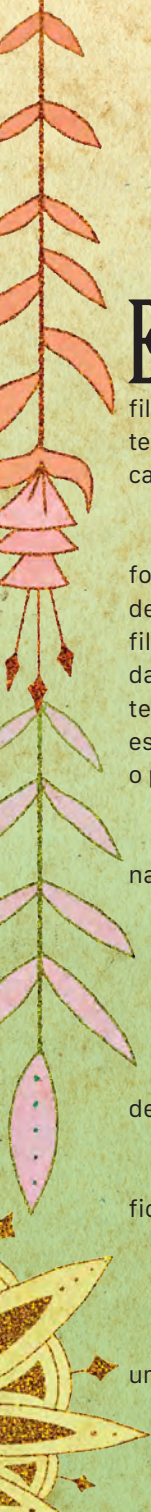
Em seguida, os portões da cidade foram abertos. Quando os homens de Tahutia entraram, de repente, os sacos foram abertos e os soldados saíram deles. Usando as cordas e os grilhões que Tahutia tinha preparado previamente, prenderam todos na cidade. E foi assim que a revolta terminou.

Depois disso, Tahutia mandou uma mensagem para o Egito, dizendo para o faraó: “Alegre-se, pois o Inimigo em Jopa é seu, com todo o povo e a cidade, e agora todos vão respeitá-lo para sempre”.





O DESTINO DO PRÍNCIPE



Era uma vez um rei que não teve filhos, e isso o deixava muito triste. Depois de tanto pedir aos deuses, eles decidiram que estava na hora de ele ter um filho. Quando o menino nasceu, Hator, a deusa da maternidade, decretou que seu destino seria morrer por causa de um crocodilo, uma serpente ou um cachorro.

O coração do rei se entristeceu e ele ordenou que fosse construída uma casa para a criança no meio do deserto, com todas as pessoas e coisas das quais seu filho poderia precisar. Assim, ele não teria necessidade de sair de casa. Certo dia, o menino subiu no telhado e viu um cachorro seguindo um homem que estava caminhando pela estrada. Ele perguntou para o pajem que estava com ele:

— O que é aquilo andando atrás do homem ali na estrada?

— É um cachorro — respondeu o pajem.

— Tragam um desses para mim — pediu.

Quando o pajem contou isso ao rei, Sua Majestade disse:

— Tragam para ele um cachorrinho para ele não ficar triste.

E assim, ele ganhou um cachorrinho.

Os dias se passaram, o menino cresceu e se tornou um belo jovem. Um dia, ele mandou uma mensagem

para seu pai dizendo o seguinte: “Por que eu estou sendo mantido aqui? Já que eu estou mesmo fadado a esse destino ruim, deixe-me seguir meu desejo, e que Deus faça o que está em Seu coração”. Eles concordaram, deram ao jovem todas as coisas das quais ele poderia precisar para se defender, além do cachorro, que o seguia, e o levaram para o leste, onde disseram:

— Pode ir para onde você quiser.

Seguindo seu coração, ele foi andando pelo deserto, e o cachorro ia com ele. Chegou até um reino chefiado por um homem que tinha apenas uma filha. Tinha sido construída para ela uma casa com setenta janelas, todas a uma altura de setenta vezes o tamanho de um antebraço. O pai dela mandou chamarem todos os filhos de chefes da região e disse que a filha dele se casaria com quem conseguisse alcançar sua janela.

Muitos dias depois, aconteceu que o jovem estava passando por lá e fez amizade com as pessoas da região, que perguntaram:

— De onde você vem, bondoso jovem?

— Sou filho de um oficial da terra do Egito. Minha mãe morreu, e meu pai se casou de novo. Quando a nova esposa dele teve filhos, ela começou a me odiar, e eu fugi de lá.

Eles o abraçaram. Dias depois, o jovem perguntou para eles:





— O que vocês fazem por aqui?

— Nós passamos nosso tempo tentando escalar. Quem conseguir alcançar a janela da filha do chefe do reino vai se casar com ela — responderam.

— Se eu puder, gostaria de ir com vocês — disse ele.

E assim, eles foram escalar, como faziam todos os dias, e o jovem ficou observando de longe. No dia seguinte, o jovem foi de novo com os filhos dos chefes, mas dessa vez ele resolveu tentar também, escalou e chegou até a janela da filha do chefe do reino, que ficou muito feliz ao ver o jovem. Quando contaram para o pai dela, ele quis saber:

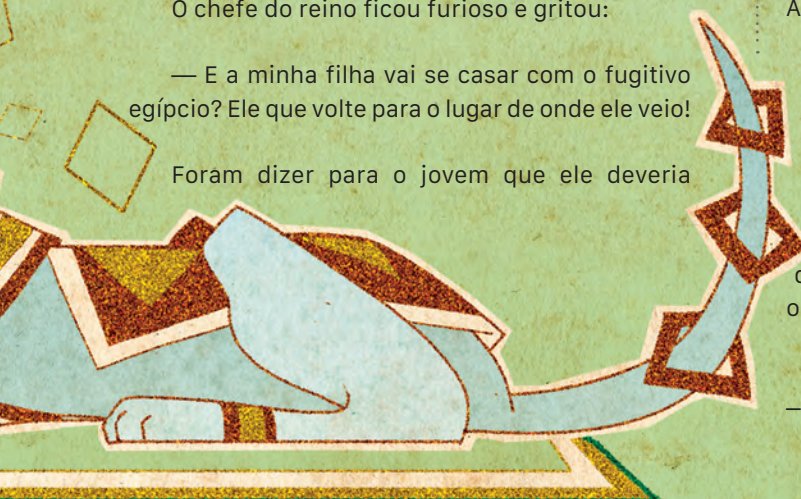
— E ele é filho de qual príncipe?

— Ele é filho de um oficial e veio da terra do Egito, fugindo da madrasta dele quando ela teve filhos — responderam.

O chefe do reino ficou furioso e gritou:

— E a minha filha vai se casar com o fugitivo egípcio? Ele que volte para o lugar de onde ele veio!

Foram dizer para o jovem que ele deveria



voltar para o lugar de onde ele tinha vindo, mas a jovem agarrou a mão dele e disse:

— Eu juro por Rá que, se vocês tirarem esse jovem de mim, eu não vou comer, eu não vou beber, eu vou morrer na mesma hora.

O mensageiro foi contar tudo para o pai dela, e ele ordenou que seus homens matassem o jovem na casa onde ele estava, mas a jovem disse:

— Eu juro por Rá que, se matarem esse jovem, eu não vou viver nem mesmo uma hora longe dele. Antes do pôr do sol, eu estarei morta.

Quando o pai dela percebeu que não havia outro jeito, ele mandou que trouxessem sua filha e o jovem, o qual estava morrendo de medo, mas o pai da jovem o abraçou e o beijou, e disse:


— Oh, diga quem você é, você é como um filho para mim.

— Sou filho de um oficial da terra do Egito. Minha mãe morreu, e meu pai se casou pela segunda vez. A mulher começou a me odiar, por isso eu fugi de lá.

Então, os dois se casaram, e o pai dela deu uma casa para eles, além de campos, gado e todas as coisas boas que se pode imaginar. Depois de um tempo, o jovem contou para sua esposa:

— O meu destino é morrer por causa de uma destas três coisas: um crocodilo, uma serpente ou um cachorro.

— Nesse caso, vamos nos livrar do seu cachorro — disse ela.



— Eu não vou me livrar do meu cachorro. Ele está comigo desde que ele era pequeno — respondeu o jovem.

Ela ficou muito preocupada com seu marido e não permitiu mais que ele saísse sozinho de casa.

Um dia, os dois viajaram para a terra do Egito. E eis que o crocodilo do rio foi parar bem na cidade onde o jovem estava. Naquele lugar, havia um homem poderoso que não deixava o crocodilo escapar. Porém, o crocodilo continuou perto dali.

Certa noite, quando o jovem foi dormir, sua esposa encheu uma tigela de leite e colocou ao lado dele. Foi então que uma serpente saiu de sua toca para picar o jovem, mas a esposa estava sentada ao lado dele bem atenta, pois não tinha dormido. Então, os servos vieram

e deram leite para a serpente, que bebeu tudo. Em seguida, a jovem se livrou dela, e eles acordaram o jovem, que ficou surpreso com o que tinha acontecido.

— Deus colocou um dos seus destinos na sua mão. Ele também vai colocar os outros — disse a jovem.

Um tempo depois, o jovem foi fazer uma caminhada pelos campos e levou o cachorro com ele. Quando o cachorro saiu correndo atrás de algum animal, o jovem correu também e entrou atrás dele no rio. Nesse momento, surgiu o crocodilo, que levou o jovem até o lugar onde estava o homem poderoso. O crocodilo disse ao jovem:

— Eu sou o seu destino e estou atrás de você.

[A partir daqui, o papiro se perdeu e não sabemos o fim da história. O que você acha que aconteceu?]



Coordenação Editorial

Christiane Bacchin

Coordenação Gráfica

Gustavo Andrade

Assistente de Produção

Mariana Schmidt

Design Gráfico

Regina Kashihara

Instituto São Paulo de Arte e Cultura

Diretora Executiva

Marcia Gliosci

Diretor Administrativo e Financeiro

Alexandre Terni

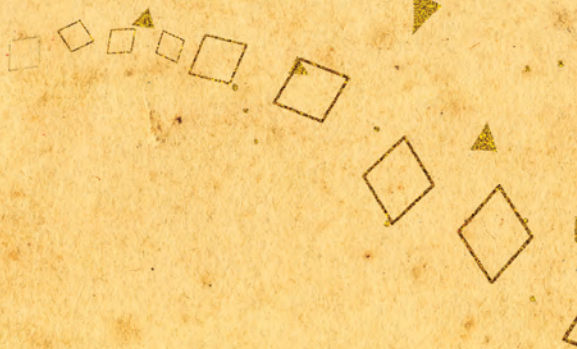
Para mais histórias, acesse o QRCode:



Proibido para venda

Distribuição gratuita para fins culturais

Produto cultural resultante de Emenda Parlamentar 202306146567





REALIZAÇÃO:

ISPAC | INSTITUTO SÃO PAULO
DE ARTE E CULTURA

CULTSP

Secretaria da
Cultura, Economia e Indústria Criativas

SP SÃO PAULO
GOVERNO DO ESTADO
SÃO PAULO SÃO TODOS